



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

NA PRAÇA DO POVO

“No dia de São Paulo, no seu marco 416, aqui venho, Presidente, à praça do povo, encontrar, no trabalhador bandeirante, o povo brasileiro.”

MEUS irmãos bandeirantes.

No dia de São Paulo, no seu marco 416, aqui venho, Presidente, à praça do povo, encontrar, no trabalhador bandeirante, o povo brasileiro.

Aqui, nesta praça, neste céu, neste chão, neste ideal, nestes três patamares, aos pés da Consolação testemunha, aos olhos de Deus, venho juntar-me ao povo de meu país: falar-lhe, vê-lo, senti-lo, acenar-lhe, chamá-lo, pedir-lhe.

Aqui me tenho para falar-lhe a linguagem de homem povo, do homem do campo que o asfalto chamou para integrar a várzea e a rua. Venho para falar ao povo a linguagem que o povo entende, a linguagem de homens na praça.

Aqui venho vê-los para pressenti-los e para que me sintam como sou. Venho vê-los para que me vejam igual a todos. Vê-los para ver esta hora de Brasil neste momento de São Paulo.

Aqui venho senti-los para que me renove, me alente, para que me inspire. Venho sentir-lhes o entusiasmo do progresso para que se me retempere o ânimo missionário, no calor das gentes que fazem esta terra. Senti-los na audácia que ascende no gesto do obelisco de nossa praça.

Aqui me tenho para acenar-lhes com a presença de todo o meu governo. Venho acenar ao povo

trabalhador a solidariedade que um homem simples no Governo ao povo poder dar.

Este homem não pode acenar ao povo o dinheiro que não pode dar. Este homem não pode acenar ao povo a promessa fácil que não pode resgatar. Não pode acelerar em meses o que se retardou em decênios. Não pode ministrar pronto socorro a dores velhas e profundas. Este homem não pode, e não deve, e não quer acenar a imagem fantasiosa da esperança vã, da mentira doce, da ilusão inebriante.

Mas este homem pode, e deve, e quer dar sempre ao trabalhador a melhoria salarial equidistante da necessidade de atualização dos níveis de vida e do imperativo de manutenção da luta contra a inflação, que a inflação avilta ainda mais aqueles níveis e esta vida.

Mas este homem quer dizer ao povo que a solidariedade do Governo ao trabalhador não é só aumento de salário. A solidariedade ao homem do povo, deste homem, deste Governo, é casa, é alimentação, é remédio, é livro, é recreação, é previdência social e é justiça também.

A solidariedade em relação à casa própria é o propósito do constante aperfeiçoamento, que já começou a se fazer sentir, do instrumento válido de ajuda ao povo, que é o Banco Nacional de Habitação.

A mão generosa de Deus nos reserva para este ano de 70 prometedoras colheitas, a que acolheremos com a ampliação da capacidade de silagem, com novas centrais de abastecimento, com um mecanismo controlador da distribuição e com um sistema de preços mínimos, que assegure ao produtor a perspectiva de novas safras assim, e que assim a fartura possa chegar à mesa do povo.

Este homem quer acenar-lhe com o remédio, de preço ao alcance da sua dor, e se empenhará a fundo para entrar no problema e nos mistérios que fazem mais cara a dor do povo.

Este governo já disse e faz prioritárias as metas educacionais e está aí — aberta ao exemplo — a frente do Fundão, como se haverão de abrir novas perspectivas ao ensino médio de maior valência profissional e de proporcionar à Universidade maior participação e, acima de tudo, portões amplos que se abram mais aos filhos dos trabalhadores, às capacidades de todas as origens.

Solidariedade também é juntar-se às paixões da alma popular. E, nas asas dessa paixão, meu governo se empenhou para que trouxéssemos o México à platéia de todos os lares do Brasil.

Este homem e este governo entendem que o nosso sistema de previdência social está longe de ser o que o trabalhador merece, mas não se furta a dizer do seu empenho de fazer aí também o jogo da verdade.

Assistir o trabalhador e fecundar-lhe o salário é ainda garantir-lhe a barra do tribunal, onde seus direitos intocáveis se promovam. E agora mesmo a União está investindo, na Justiça do Trabalho de São Paulo, mais de treze bilhões de cruzeiros antigos para instalar condignamente, no centro da cidade, o Tribunal Regional e as Juntas de Conciliação e Julgamento.

Aqui venho para chamar o povo para que não me falte com a sua participação nos momentos todos de meu governo. Venho chamá-lo para a construção de uma paz dinâmica, que, ainda uma vez mais na História, bandeira partida de São Paulo, nos leve, a todas as terras brasileiras, agora aos chãos do

desenvolvimento. Chamá-lo para a violência edificadora, do idealismo são e puramente brasileiro.

Aqui me tenho para pedir ao povo sua confiança, sua solidariedade, sua compreensão, sua maior produtividade.

Aqui estou na praça que leva o nome desse grande defensor das liberdades democráticas, para apertar a mão de São Paulo, no dia de seu aniversário.

Quis festejar, na inauguração deste monumento arquitetônico, o espírito renovador de São Paulo, que concentra num todo só os três patamares do tradicional, do atual e do amanhã da criatividade bandeirante e que rasga os caminhos de leste a oeste.

Mas o Governo que se faz presente na praça que rasga os caminhos, atento está ao problema social que a derrubada de casas levanta na alma da gente. E, assim, atento, diligencia os instrumentos jurídicos que permitam ao desapropriado — que o acaso situou nos caminhos do progresso — a certeza de sua nova casa própria.

Nesta manhã de São Paulo, aqui estou com o povo na praça, e, na tarde que nos espera a todos, faço questão de unir a minha voz à voz da multidão no Morumbi. Permitam-me todos, ali, que o Presidente tenha também um momento de si mesmo.

Meus irmãos bandeirantes! Estando com os pés aqui neste chão de planalto e ao abrir este ponto de encontro, contemplo Deus que nos vale na Consolação e lembro os irmãos jesuítas que plantaram o planalto no pátio do colégio e gravaram, para a eternidade, nas areias do litoral, o mandamento brasileiro da compreensão, da doçura e do amor.

(Discurso pronunciado no dia 25-1-1970, no 416º aniversário de fundação da cidade de São Paulo).